Spártacus

Ano I — Numero 24 | Endereço: Caixa postal 1936, Rio de Janeiro — Brazil | 10 de Janeiro de 1920

ELOQUENTE

O *Jornal do Brasil*, no seu número de quarta-feira estampa em coluna aberta o discurso do Núncio Apostólico no ato de abençoar as espadas dos novos oficiais do exército brasileiro. Ilustram a publicação duas fotografias. Numa se vê o enviado papalino a discursar perante os jovens militares; na outra os mesmos jovens assistem piedosamente á missa. Refere o noticiário que as espadas dêsses mesmos jovens foram depositadas no altar, aí benzidas sob as graças especiais de Maria Virgem. Mais ou menos como na Idade Média.

O mesmo jornal, em letras gordas insere um telegrama em que se resume um discurso de Sua Santidade, o Papa, onde o dito representante de Jesús proclama, alto e bom som, que o clero é a milicia da paz.

Tudo isso é eloquentissimo. Entre os mandamentos escritos pelo deus católico com o seu dedo-talhadeira na pedra do decálogo ha um que veda, terminantemente, *matar*.

Toda a conciência humana dêste século, mórmente após a guerra, se levanta horrorizada para condenar as guerras, as matanças, o assassínio mútuo das nações.

Qualquér sociedade, qualquér instituição, qualquér agrupamento intelectual recusaria certamente colocar espadas na sua mesa de honra, abençoá-las, glorificá-las.

Os instrumentos de carnificina vão sendo considerados hoje como consideramos os instrumentos de suplícios, na inquisição ou na senzala.

Seria impossível, numa sessão de teosofistas, um discurso laudatório de espadas e trabucos, símbolos que são dos ódios internacionais e da opressão dos proletários.

Numa igreja positivista, nenhum sacerdote da Humanidade teria a desfaçatez, na hora atual, de saudar entusiásticamente sabres e carabinas, aparelhos anti-humanos, contrários á fraternização dos homens.

Nenhum espírita consentiria, em suas reuniões, a exaltação de lanças e punhais, revólveres ou petardos, quando todos se concentram na exaltação de Cristo, símbolo do amor e da concórdia.

Somente a Igreja Católica Apostólica Romana ousa depôr nos seus altares, junto da ara sacrosanta, ao lado do Evangelho, perto da hostia consagrada, para benzê-las e glorificá-las, espadas ponteagudas e aguçadas, próprias a furar peitos e cortar veias de homens.

Eloquente! não ha dúvida.

O snr. Núncio, em seu discurso, teve o garbo de demonstrar como se acha unida a religião católica romana ás espadas defensoras da pátria amada. Note-se que o snr. Núncio é italiano e as espadas abençoadas eram brasileiras. Um dia, bem pode ser que elas se levantem contra os italianos e havemos de ver então no que deu a benção de hoje.

Mas o essencial é que tais espadas se levantem para defender o capital contra os trabalhadores. Não ha probabilidades alguma de guerra contra a Itália ou outra qualquér nação. Ha, porém, muitissimas e palpitantes probabilidades de guerra viva contra os capitalistas exploradores do Brasil. As espadas bentas são instrumentos de defesa dêsses capitalistas e entre êsses capitalistas se acha a Santa Madre Igreja!

Logo, para a Igreja, é muito lógico pôr espadas entre o atril e o cálice, benzê-las, consagrá-las a Maria protetora de quanto ladravaz trafega pelo mundo. E' asqueroso mas é realissimo. Para os que vêm no Cristo o arauto da concórdia humana, para os que nos mostram o evangelho como a lei de regeneração, bondade e amor, a cerimónia da benzedura deve ter causado pasmo, vergonha e indignação.

E são êles, os católicos, os que nos apontam, a nós anarquistas, como destruidores, perversos, assassinos.

Está-se vendo!

José Oiticica.

A chegada de Caiazzo e Manzini á Italia

Como os trabalhadores de Genova os receberam

Carta aqui chegada da Italia conta-nos como foram recebidos em Genova os nossos camaradas Caiazzo e Manzini, deportados pela policia brazileira.

Uma verdadeira multidão esperava-os no cáes de desembarque, fazendo-lhes uma carinhosa e entusiastica manifestação de solidariedade, com vivas! á revolução social internacional e morras! á tirania das democracias burguezas.

Aguardava-os tambem um... esquadrão da cavalaria de policia — em nome da burguezia italiana...

Segundo a praxe policial, os deportados deveriam ser hospedados pela policia, que os qualificaria convenientemente, para em seguida envial-os ás provincias de origem. De facto, o esquadrão, que ali os esperava, cumpriu rigorosamente a sua missão. Rigorosamente, é um modo de dizer...

Porque a folhas tantas a multidão de trabalhadores entendeu que aquela praxe era um desaforo e decidiu então, *sur place*, dissolver a cavalaria e tomar a seu cargo a recepção e hospedagem dos camaradas.

Decisão rapida — realização imediata.

A cavalaria real foi debandada e Caiazzo e Manzini empolgados pelos companheiros trabalhadores.

E ali mesmo se formou um imponente comicio, em que Manzini falou longamente, narrando as perseguições e brutalidades a que se acham sujeitos no Brazil os operarios conscientes, estrangeiros ou nacionaes, que se não submetem como carneiros á exploração capitalista...

...Vê, pois, o nosso governo, por essa amostra, que a sua reação absolutamente não impedirá o triunfo revolucionario do proletariado. Os expulsos daqui irão militar nos seus paizes de origem, quer dizer, irão aumentar as hostes libertarias de lá, apressando, por consequencia, na Europa, o advento da revolução social. Ora, triunfante esta em todo o ocidente, na Italia, França, Hespanha, Portugal, Inglaterra... pretenderão os nossos governilhos da America mantel-a nos velhos moldes governamentaes da exploração e da oppressão?

Listas pró "Spártacus"

Pede-se aos camaradas que têm listas de subscrição pró «Spártacus», queiram entregal-as com urgencia. O administrador do jornal se encontra diariamente na séde dos sapateiros, das 8 ás 9 horas da noite.

As gréves

Do dia 30 de dezembro ao dia 7 deste, estiveram em gréve os motoristas. Gréve que pleiteava umas quantas reclamações contra abusos policiaes na aplicação de penalidades previstas nos regulamentos do trafego de vehiculos. Os grévistas dirigiram um memorial ao chefe de policia. Este negou atender — alegando que os grévistas estavam fóra da lei e que, si quizessem ver examinadas as suas reclamações, começassem por voltar ao trabalho. Os grévistas subiram a serra e o Catete: outro memorial foi directamente endereçado ao todopoderoso Epitacio. Este reforçou o que havia dito Geminiano — e ameaçou os motoristas de fazel-os arrazar pelo mano Marechal. Pois os grévistas, corajosamente, altivamente, dobraram a cerviz, voltaram ao trabalho — e declararam que o faziam porque de modo algum pretendiam perturbar o sono e a digestão presidenciaes, sendo, como são, absolutamente solidarios com o governo de sua excelentissima pessoa, a cujas ordens se colocam humildemente.

Edificante e comovedor...

*

Boa parte dos operarios da construção civil igualmente se acha em gréve. Esta reivindica melhoria de salarios. Grévistas que se não dobram, firmes no seu direito, eles vão vendo as suas reclamações satisfeitas. São muitos os patrões que já entraram em acôrdo.

Homens são homens!

*

A proposito dessas gréves, alguns pastranas da reportagem têm soprado á policia — ou por conta da policia — uma serie de intrigas contra os anarquistas. A gente podia pegar esses moços ahi numa esquina e amarrotar-lhes os focinhos devesgornhados — e em seguida remetel-os em salmoura ao Geminiano. Mas não vale a pena; para que sujar as mãos? Os coitados, no fim de contas, estão no seu oficio... O melhor é cuspir para o lado e desejar-lhes bom proveito.

Um desmentido que vale por uma confissão

Telegrama de S. Paulo, enviado pela Americana quarta-feira, comunica á imprensa o desmentido feito pelo Dr. Ibrahim Nobre, delegado de Santos, ás afirmações de Pimenta exaradas na entrevista publicada pelo *Imparcial* e desenvolvidas neste n. de *Spártacus*.

Que despudor!

Ha que cosiderar. Pimenta faz uma narrativa de factos. Não são palavras vasias, não são afirmações no ar. O mesmo fez Righetti. Ora, depois de separados em Vila Mathias, um para Porto Alegre e outro para o Rio Grande, em navios diversos, Pimenta e Righetti não mais se encontraram. E não seria uma extraordinaria coincidencia combinarem tanto, em substancia, os depoimentos de ambos?

Mas nesse desmentido de Ibrahim não ha sómente despudor. Ha mais: ha o temor, ha a vergonha da responsabilidade publica das infamias praticadas. E' a homenagem do crime á virtude...

O inocuo desmentido do delegado Ibrahim vale por uma confissão envergonhada e mascarada.

A inquisição policial em S. Paulo

Pimenta faz uma impressionante narrativa da sua prisão nos sinistros calabouços da Vila Mathias.

LEIAM NA 4ª PAGINA

AO ROMPER DO ANO NOVO

Carta aos camaradas, lida na séde da Construção Civil, em 31 de Dezembro

Minhas companheiras e meus camaradas:

Vai bem longe a época em que os romanos dos primeiros tempos aumentaram o calendario com os novos mezes de janeiro e fevereiro e instituiram o 1° do ano como o dia consagrado á fraternização universal.

Mais de 2.500 anos já se escoaram na ampulheta do tempo desde a inovação de Numa Pompilio: e é tão grande, tão forte, tão intenso o anceio de paz e fraternidade entre os homens que a inovação do legendario rei subsistiu, subsiste e subsistirá, até o dia em que a paz e a fraternidade sejam realidade concreta e tangivel no mundo social.

A fraternidade é hoje a suprema esperança, para ser amanhã a suprema realidade. Animal sociavel, o homem vive individualmente e socialmente, tem o egoismo e o altruismo. Os dois sentimentos não se opõem nem contrapõem, ao contrario, completam-se, integram-se, totalizam-se; coexistem os dois e devem coexistir. A educação moral e social consiste não na eliminação do egoismo, o que é impossivel, mas na modificação regressiva de sua intensidade para que ele se possa subordinar ao altruismo, cuja intensidade deve ser cultivada no sentido de uma modificação progressiva. Nisto tudo está; tudo está nisto.

Predominancia do altruismo, sem eliminação do egoismo. Isto é moralidade: «A subordinação pessoal aos interesses geraes, harmonizando-se com a colectividade, sem escravização nem eliminação da autonomia propria.» E' isto o apego, o amor, o bem: o apego contraria a luta pela vida: o *struggle for life* do naturalista inglez, não tem cabimento nas sociedades humanas; a concurrencia vital é injusta, ingloria, indigna, porque nas festas da natureza e no banquete da vida ha lugar para todos. Em vez da luta feroz e cruenta do homem contra o homem, o apego levanta a luminosa maxima fraternal do auxilio mutuo: «Um por todos e todos por um». Castor e Pollux e não Abel e Caim é que devem ser os homens.

O dia de Ano Bom é o simbolico dia do bem. Simples acontecimento cronologico, fel-o a esperança uma festividade emocionante e uma contagiosa alegria. O homem se alvoroça, a alma se eleva, o coração se engrandece e bebe, neste dia, os haustos maiores da resurreição da energia, da luta e da confiança na victoria que ha de vir, e que ha de glorificar os lutadores e reflorir-lhes os feitos intemeratos e varonis.

Têm-se em Ano Bom anhelos e caricias para o futuro e desdem e despreso para o passado. Entretanto, como todos os seus pares, o ano que finda teve o mesmo quinhão de bons e maus dias e si os bons foram raros e os maus repetidos, a culpa não cabe ao Tempo, ao velho Cromo, em sua marcha ritmica e medida. Cabe aos homens a culpa dos anos maus e a gloria dos anos bons; o calendario não pensa e não sente, marcha na monotonia cronometrica que faz girar os milhões de sóes, que cintilam no espaço...

A culpa dos anos maus e a gloria dos anos bons cabe aos homens e só aos homens. No mundo actual, só os russos, talvez, tenham a gloria dos anos bons; nós outros, tristes europeus do ocidente e americanos do Norte e do Sul, nos arrastamos, torturados pela burguezia e perseguidos pelo governo e injuriados pela igreja, no caminho pedregoso da exploração, da violencia e da mentira, carregando, penosamente, aos hombros, o fardo pesado e esmagador dos maus dias, que vê a fome nos lares pobres, a tuberculose nos organismos, a miseria excruciante e espesinhadora em toda a parte.

Para nós, os dias felizes, porém, hão de vir. Já surgem os bons vaticinios e os ternos augurios. Em breve, abriremos as nossas almas á victoria cantante da redenção. O povo já vê, já estuda, já analiza, já conversa comnosco. Já não vai atraz de patranhas e parlapatices. As velhas mentiras já ruiram por terra: a verdade surgiu, para vencer.

O anarquista não é destruidor

E não o é. Destruição é vandalismo, ataque a fundo, dominio brusco. Embate selvagineo, demolidor, brutal, a destruição desbarata e extingue, derroca e pulverisa. Junca o chão de destroços e despedaços de cousas e de homens, que se aniquilam no pó, que se submergem no sangue. A destruição não é o odio, é o furor, não é a luta, é a raiva, é o ranger dos dentes, o remorder dos punhos, o rugir em fogo... E' a selvageria... e o destruidor é o satan, que sistematicamente arruina, arrasa, desgraça...

Creio que, como eu, ainda não vistes, camaradas, anarquista algum que tivesse um estofo assim. Não os vemos; porque não os ha. O anarquista não é destruidor, é constructor. Tem, ás vezes, a violencia de ação, o que é natural, porque corresponde á violencia do governo. O anarquista constróe, edifica, produz: remove o mal, extingue-o ou absorve-o para estabelecer o bem. No combate ao mal não ha o prazer de lutar, mas a ancia de construir o bem: semelha a mãe que leva o filho doente ao bisturi do medico, para que eliminado o braço apodrecido, salve-se o resto do organismo da infeção purulenta. Eliminação não é destruição, é *mal menor*, isto é, bem relativo.

Assim, o anarquista nem é destruidor nem deseja o mal; e mais ainda:

O anarquista não é impatriotico

Preciso de que nos entendamos suficientemente. A proposição é delicada.

O Patriotismo consiste, em boa definição e em bom conceito, no amor á terra e á gente onde nascemos e vivemos. O sentimento á terra ha de ser completado pelo sentimento á gente. O primeiro, sosinho, de nada vale e torna-se fetichismo. O segundo é decisivo: o patriotismo, em vigor, é a amizade aos semelhantes que vivem e labutam pelo adianto de um determinado logar, é o trabalho fecundo e util, é a ancia de progresso, é o querer uma vida boa e bela, para ser feliz. Eis a razão por que os gregos da antiguidade diziam que *a patria é onde se vive bem*.

Patria, assim, é mátria, é cidade, é comuna. E' pequeno territorio. Todas as nacionalidades tendem por desagregações sucessivas a esta divisão social. Nenhum grande imperio subsistiu em nenhuma época: dos persas a Alexandre, de Alexandre a Cesar e de Cesar a Napoleão a historia tem isto verificado, e, inversamente, assinala que foram as pequenas cidades gregas, que vivem até hoje, os luminares maiores do trabalho e progresso na antiguidade, o berço fecundo em que primeiro se desenvolveram as idêas de liberdade e fraternidade humana.

Ser prtriota não é só amar o céu, o solo, os campos e as montanhas. Nem é só bem querer aos semelhantes. E' isto, e mais do que isto. E' lutar pela liberdade, que é o progresso.

E' impedir que haja governos que explorem, que infamem, que persigam e que domine uma igreja que conspire, que ataque, que ultrage. E' opôr-se á lei, que não é justiça, á força, que não é direito, á miseria, que não é natural, nem digna, nem humana.

E', numa frase, vencer a exploração do homem pelo homem, extinguir a indolencia e o parasitismo. *viver*, emfim.

Pela vida, toda a nossa energia, todo o nosso valor, toda a nossa corajem. Viver, viver bem — eis todo o programa social. Trabalhemos por ele e tornemol-o realidade, indiferentes aos apôdos dos cobardes, ao riso dos imbecis e ao furor da canalha.

Hoje, a vida é asfixiante e horrivel. Deixarmo-nos morrer, não seria simplesmente fraqueza, mas pusilanimidade; não seria sómente timidez, mas suicidio: não seria unicamente vergonha, mas objecção e ignominia, asco e infamia. Quem nos detem nas reivindicações?

A lei?

Mas ha comnosco a lei natural, o direito natural, o principio natural.

E acima da lei escrita, vontade de governante, dogma de legislador; acima do interesse, do proveito, do direito dos codigos, paira um direito eterno, um proveito sublime, um interesse magno que o homem representa: o interesse, o proveito, o direito de viver!

Porque na luta entre governantes e governados, o que se debate, o que se contesta, o que se discute, o que se agita é o direito de viver, que assiste a quem nasceu.

Acima de todos os direitos, este direito sobrestá e sobrenada.

Ele corporifica todos os outros direitos e é a base de todas as liberdades. Em nome dele têm-se feito todas as revoluções, com ele tem-se feito a civilização, por ele faz-se hoje a propaganda do anarquismo.

O anarquismo não é absurdo

Bastava isto para demonstrar a proposição actual. Além disso, nada ha de absurdo no mundo, porque o absurdo não penetra no entendimento pessoal. O anarquismo é o progresso, que se realiza em estagios sucessivos: civilização, revolução. Na marcha geral das sociedades humanas só ha estes dois termos encadeados: *civilização*, quando o progresso não é obstado pelos governos, *revolução*, quando ha entrave na evolução.

O progresso é a fórma evolutiva do anarquismo. Por isto mesmo a anarquia perfeita não póde ser jamais atingida: a perfeição é uma tendencia, não é um estado.

Ha, nos desertos, o fenomeno da miragem: o viajante vê o oasis fertil, a tamareira, a sombra amiga e protectora: caminha ancioso para ele, e ele se distancía: o viajante enche-se de novos ardores, anda mais, não desanima, vai, heroico, para diante... e o oasis fugidio sempre, sempre inalcançavel.

Nas mirajens da vida, o aprazivel oasis é a perfeição inatingivel e os viajantes somos nós.

O progresso é inatingivel.

O comunismo não é irrealisavel

Si o progresso é a fórma evolutiva do anarquismo, o comunismo é a sua fórma economica. O progresso é o anarquismo no tempo, emquanto que o comunismo o é no espaço.

O comunismo não é irrealizavel: os povos primitivos foram comunistas, comunistas foram os primeiros cristãos; no Brazil, o povo do interior tem tendencias acentuadamente comunistas: trabalha, em comum, na medida de suas forças e

gasta, quanto possivel na medida de suas necessidades.

Nós caminhamos aceleradamente para o comunismo. Durante a guerra maldita, que ceifou tantas e tantas esperanças, que devastou, talou, arrazou, semeando saudades, dôres, lagrimas e lutos pelos cantos da Terra, os governos aliados, para salvar-se, instituiram o *racionamento*, fórma insuficiente e imperfeita do comunismo, em que se davam ás familias os generos de 1ª necessidade, segundo o nº de seus membros: familia mais numerosa, recebia mais que um casal.

O operariado, que é actualmente a expressão mais alta do povo e a classe maior de uma nação, apresenta um sintoma edificante em se agremiando em sindicatos de resistencia. Ele é a base da sociedade comunista, o comunismo está em germen nos sindicatos. Exemplifiquemos: Na sociedade futura, a *produção* ficará a cargo das Federações de oficio: tecelões, construção civil, padeiros, sapateiros, marceneiros etc.; o *consumo*, nas cooperativas, empregará, na distribuição, os associados da Federação do comercio e o *transporte* dos generos e mercadorias dos centros de produção aos de distribuição e consumo ficará aos cuidados da Federação de Vehiculos e Ferro Vias.

Outras classes se reunirão em federações: medicos, professores, etc., etc., para tratar dos trabalhos referentes ás suas respectivas especialidades. As classes parasitarias e negativas: Congresso, burocracia, magistratura, militarismo, agiotismo, advocacia, comercialismo desaparecerão.

Não desenvolvo este ponto, porque a organização comunista merece ser estudada em conferencia á parte.

Cuidemos agora das

Bases filosoficas do anarquismo

A filosofia revolucionaria corporificada ha mais de um seculo nos principios da conservação da materia e no da conservação da energia, completa-se actualmente com os principios da Harmonia e da sociedade.

Os 2 velhos principios foram eminentemente progressistas: o de Lavoisier — da conservação da materia, doutrinando que a materia é eterna e increada, bateu os arraiaes religiosos do dogma da creação, emquanto que o de Roberto Meyer — da conservação da energia, provando que a sociedade actual, explorando o homem, degrada a melhor das energias, a energia humana, atirou-se contra o governo burguez de todas as epocas. Em nome da ciencia, foram assim vencidos a Igreja e o Estado, que abriram falencia.

Surge agora a filosofia constructora da harmonia e da sociabilidade, exigindo o advento de uma sociedade mais digna e mais humana.

Que diz a harmonia? que ha harmonia entre os astros; que ha harmonia entre a terra e o homem: é a vida: que ha harmonia no homem: na disposição simetrica dos orgãos e no trabalho ritmico das grandes funções. E que, por isso, deve haver harmonia na sociedade. Harmonia na sociedade é equilibrio economico, é comunismo.

A sociabilidade, que diz? Que todos, os animaes são sociaveis e, portanto, em cada especie, uns solidarios com os outros. O altruismo é a forma mais elevada da solidariedade, e a humanidade, que é a especie animal mais elevada, deve ter o altruismo mais superior e mais nobre.

Entretanto, não é o que se vê. Campêa a deshonestidade, o desbrio, o despudor; impera o egoismo, que é o odio, o odio, que é a guerra, a guerra, que é o fraticidio. O lobo não come o lobo, o leão não devora o leão, a formiga não destróe a formiga: mas o homem mata o proprio homem. Em vez do auxilio mutuo, a luta pela vida: em logar da solidariedade, a exploração infrene e chatim.

A sociedade actual está condenada porque é artificial. Levante-se outra missão social: o culto á verdade, que é justiça, á beleza, que é amor, á utilidade, que é progresso. Retifiquem-se os tempos, acabe-se o mal; que os ventos não espalhem mais os germens da morte nem o clamor dos oprimidos, mas tão sómente a cantiga do amor perene e a benção do universal direito.

Só assim a vida será boa, isto é, feliz; e será luz sem sombra, astro sem ocaso, dia sem noite, primavera sem inverno, alegria sem tristeza, maravilha sem par a esplender pela eternidade dos seculos.

A humanidade será, então, bela e triunfal, digna e civilizadora: o progresso moral e material.

O problema internacional

Os dias da redenção social não podem tardar. No mundo, frente a frente, erguem-se duas Internacionaes: a Internacional da Noite, que é a da exploração burgueza e a Internacional da Luz, que é a aliança subterranea de todos os expoliados da plebe.

Na Europa, a luta já se caracterizou ha mais de 2 anos: a Russia oprimida ergueu-se em heroicos surtos de liberdade e defrontou firme e heroicamente o resto burguez do mundo. O maximalismo alçou-se contra o capitalismo e viu-se logo um dilema: ou o maximalismo venceria o capitalismo ou o capitalismo venceria o maximalismo.

Sobre este dilema, que se está resolvendo, escrevi eu da prisão um artiguete. Dizia assim:

«Quando rebentou a Revolução russa, arruinando as velhas instituições, rompendo com os anacronicos preconceitos de autoridade e propriedade, surgiu em campo um dilema: ou o capitalismo venceria ou o maximalismo.

No mesmo corpo europeu é que não poderiam subsistir frente a frente, dous orgãos antagonicos; um, forçosamente e naturalmente, haveria que ceder ao outro, ser absorvido e eliminado pelo outro.

Qual deles? O da emancipação individual ou o da exploração governamental? O da liberdade ou o do despotismo? Imperaria o progresso ou o retrocesso? O que se dirigia ao futuro ou o que se voltava ao passado?

Desde os primeiros momentos não era facil a previsão.

Si, felizmente, é bem verdade que sempre em todos os tempos e em todos os logares, o homem gravitou, de surto em surto, para a liberdade, que engrandece, que glorifica, que embeleza e exalta, tambem não é menos verdade, infelizmente, que as castas miseraveis e despreziveis da governança, apoiadas na torpeza da força inconsciente, dão-se ao papel infame e deshonesto, ignobil e odioso de deter a marcha evolutiva da sociedade, que anceia sempre por um regimen melhor e mais bem organisado que o do presente.

Legitimo era, pois, o argumento duplo: seria asfixiada a revolução oriental pela burguezia ocidental? Ou venceriam os principios maximalistas?

Este dilema penoso, dificil, aflictivo se póde, hoje, dar como resolvido.

A Russia não perecerá! A Revolução ha de vencer! O maximalismo dominará o burguezismo!

Represada durante dois anos em suas muralhas, a Revolução fortaleceu-se, armazenou energias, cresceu, subiu, e agora se expande pela Herzegovina, Bosnia, Croacia, Rumania, Polonia, Hungria, espraiando-se para o sul ás margens do Mediterraneo e difundindo-se, para oéste, visando através da Alemanha, as terras civilizadas do Atlantico, onde já se agitam as da Inglaterra, da França, da Hespanha, de Portugal...

E' bem «a onda maximalista» que se espraia...

E porque é onda, — e onda revolta, tudo levará de vencida, arruindo, derruindo, destruindo...»

Este foi o artigo. Nele não falava na falencia da Hungria nem na infamia da Alemanha.

A Hungria e a Alemanha, camaradas... Dois exemplos, duas lições, dois ensinamentos que não devemos nunca esquecer. A Hungria, com a quéda de Bela-Kun, com a invasão dos aliados, com o restabelecimento da burguezia, com a fome em Buda-Pest, com as prisões, as proscripções e os fusilamento dos revolucionarios da vespera, deve ficar em nossa memoria como o exemplo perene de que, nas revoluções, não ha de nem pode haver hesitações, fraquezas, recuos, confabulações: a Hungria caiu, porque a revolução não quiz resolver-se á revelia do capitalismo. Quiz negociar com este, foi traida, vencida e aniquilada!

A Alemanha com seu exemplo, revolta... Os socialistas de estado fizeram com o espartacismo a maior infamia da época, o crime mais tenebroso e mais odiento dos nossos dias: asfixiaram-n'o a carabina, a granada, o canhão, a aeroplano. Noske, junto a quem o terror de Robespierre é doçura, encarnou bem o espirito destruidor e miseravel do autoritarismo social democrata, fuzilando ou fazendo fuzilar os tipos simpaticos de Rosa de Luxemburgo e Liebknecht, cujas memorias são hoje tão gratas ao coração revolucionario do mundo inteiro.

Como contrasta com a tibieza da Hungria a energia da Russia!... em que a dictadura proletaria foi estabelecida, não como estado normal, o que seria condenavel, mas como medida indispensavel á conquista da victoria, o que é louvavel e razoavel.

Igualmente, como se antagonizam os sociaes democratas da Alemanha e os socialistas revolucionarios da França e da Italia! Emquanto aqueles recuam ao passado, estes marcham varonis á conquista do futuro, estandarte libertario á mão, tremulando ao vento, abrigando todos os que na vanguarda se batem pela humanidade livre sobre a terra livre!...

Apezar do exemplo da Hungria e da Alemanha, a liberdade está empolgando a velha Europa. A Russia já deita as cartas, após vencer Denikine, Roltchak, Yudenitch e os capitalista aliados, com a libra esterlina á frente. A Italia está expropriando as terra se vai reconhecer o regimen dos soviets.

Da Europa, nada mais espera o burguezismo, que se volta, por isto, á America. Grande papel é o nosso, camaradas! E' gigantesco, herculeo, extraordinario... A luta pela liberdade será decisiva na America.

A liberdade triunfará na Europa, em breve, e em breve a America será o velhacouto do passado, que se apoiará solidamente no dolar norte-americano.

Si não reagirmos eficientemente a horas, a Europa se libertará, emquanto aburguezar-se-á a America; e como a Europa não se mantem por si, economicamente, o plano satanico, diabolico, maldito é vencer a liberdade européa pela fome, já que não será vencida pelas armas.

Não nos iludamos: a Internacional das Trevas prepara as malas para fugir da Europa e abancar-se toda na America. As expulsões de militantes dos Estados Unidos, Brazil, Argentina, Uruguay, e demais paizes americanos obedece a um plano sinistro de enfraquecer a energia revolucionaria da America, para a consecussão plena e perfeita da salvação burgueza.

Grande é a nossa missão, camaradas! Compenetremo-nos de como é gravissima a situação americana.

O aburguezamento total da America será a morte da liberdade: devemos impedir tal crime, salvando-nos e salvando a Europa. Ensinemos o povo da America a amar a liberdade e a vida, para que não se recúe no proximo momento decisivo. Doutrinemos ao povo americano o amor ao ideal maravilhoso, que se desenha em nossa imaginação singela como o imperio magnifico do altruismo, como a sociedade feliz, entrevista nas pompas do sol ardente e fecundo da fraternidade, que ha de vir, bela e triunfal, doirando de alegria os corações humanos.

Nela, não haverá ninguem que conheça apenas da vida as visajens e as contradições, as torturas e as humilhações. As privações, o desgosto, o desespero, a fome, o roubo, o assassinato, a guerra, tudo, tudo quanto ha de horrivel e desolador no mundo se extinguirá ao brado frenetico da liberdade, soltado por milhões de vozes, ao sopro insuperavel das reivindicações populares, que erguerá nas barricadas a bandeira do futuro.

Tenhamos confiança na victoria!... Sursum corda! Nem rei, nem amo! Paz entre nós, guerra aos senhores!

O problema nacional

Particularmente — si é possivel assim consideral-o, o problema nacional apresenta-se de facil resolução. A Republica, assim como está feita, já deu em 30 anos o que tinha de dar: conservar, peorando, porque os governantes têm sido e são, na generalidade, monarquistas abastardados.

Ha, no Brazil, dois problemas fundamentaes: o da ignorancia e o da doença. Tres decenios de vida republicana não os resolveram. Fala a estatistica:

Ignorancia: população, 25 milhões; dos quaes:

completamente analfabetos: . . . 18.750.000;

lendo mal e escrevendo peior: . . 4.700.000;

mais ou menos cultos: . . . . . . 1.550.000.

Doença — população 25 milhões, sendo 19 milhões de ruraes e 6 milhões de urbanos. Completamente inutilisados pelas endemias, pelo alcoolismo, pela sifilis, tuberculose e lepra: 3.000.000 ruraes e 200.000 urbanos; adoentados e prejudicados pelos mesmos flagelos: 12.200.000 ruraes e . . . 4.000.000 urbanos. Individuos mais ou menos sadios nos campos e nas cidades: 5.600.000.

30 anos de Republica não resolveram os 2 males fundamentaes do paiz. Não os resolveu a Republica, por incapacidade administrativa; no Brazil tudo é grande, menos os homens de governo!

O povo está desvirtuado e divorciado da Republica, que lhe é pesada aos hombros e detestada aos olhos por lhe ser um jugo de madrasta impiedosa e cruel. A Republica é do filhotismo, que tuda avassala e consegue, movendo as duas unicas instituições verdadeiramente nacionaes: o *pistolão* e a *cavação* e devorando os recursos orçamentarios da receita.

Como se elegem deputados e senadores, presidentes e governadores de Estado? Nomeados pela vontade do presidente da Republica ou dos chefetes locaes. Como se elege o Presidente da Republica? Por designação de deputados e senadores, presidentes e governadores.

O Sr. Epitacio porventura não foi assim feito presidente da Republica por obra e graça dos *sete felizardos*, na frase do Sr. Ruy Barbosa, este mesmo Sr. Ruy que anda agora a incensar o Sr. Epitacio para conflagar a Bahia, onde préga o direito popular de revolução, que sempre combateu?

Os verdadeiros republicanos estão comnosco contra estes vendilhões do regimen. Nós, como os republicanos, queremos a liberdade, a igualdade e a fraternidade, — a trilogia maravilhosa de 89. Nós tambem veneramos o vulto formidavel de Zumbi, o Spártacus negro de Palmares, o perfil nobre de Tiradentes, o palido libertario da Inconfidencia, a fisionomia batalhadora de Bento Gonçalves, o destemido caudilho de Piratinim. Amamos e veneramos todos os que no Brazil se bateram pela liberdade, pelo progresso, pela redenção... Seriamos republicanos si hoje o termo—Republica — na significação de liberdade, igualdade e fraternidade não fosse ou uma doce ingenuidade ou uma rematada mentira.

O Brazil, com esta Republica chatim, está em decadencia. Decadencia material e decadencia moral, miseria material e miseria moral.

Por isto mesmo—parece um paradoxo, o problema é facil: nada ha construido pela burguezia, tudo está para ser construido por nós. O organismo do Brazil está doente, enfermiço, quebrantado: mas desta morbidez organica vai sair, futuramente, a maravilha sem jaça de um Brazil, grande, em sua federação de comunas livres: grande pelo progresso a lhe desentranhar a riqueza do solo, a lhe aproveitar a força potente das cachoeiras, a lhe rasgar o coração por estradas de ferro; grande, pela independencia economica, forte pela liberdade do povo, glorioso pelo contingente de bem estar trazido á humanidade.

De organismo doente sai, ás vezes, productos belissimos. A perola não provêm da doença da madreperola?

E' possivel o comunismo no Brazil? E', desde que o povo o queira. O povo do interior é acentuadamente comunista, o povo das cidades facilmente se doutrina, pois que sofre mais do que ninguem o aguilhão dos contrastes sociaes. Além do mais, a divisão actual do Brazil em municipios facilitará a transformação social: os municipios têm, na Republica, plena autonomia; pois bem, demo-lhes soberania ampla e teremos de pronto, no paiz, quasi 2.000 comunas, que tantos são os municipios.

Não desejo ver, por prazer de luta, correr o sangue. Sou evolucionista, aceitando, por isso, todas as consequencias da evolução, inclusive a revolução, que é a evolução detida. Espero que, no Brazil, a luta se faça sem carnificina, sem odio, sem pilhagem, porque espero que a burguezia cêda.

Mas si assim não fôr, si o governo persistir em prender, bastonar, deportar individuos, invadir associações, aprehender jornaes, semear, numa palavra, o terror branco,—então a este terror branco que responda o terror vermelho; que se conclamem as consciencias justas ao protesto intemerato, que se reaja e que se lute, que venha o choque e a nossa victoria.

Lembre-se o povo de que em tal prélio só uma cousa póde perder; as correntes que lhe escravisam a vida.

Evocação

Quero-vos fazer agora uma evocação historica, e nada mais.

Na Grecia, neste encantado paiz á beira do Mediterraneo, floresceram magnificamente nos tempos passados, duas cidades: Sparta e Atenas, a primeira ao sul, a segunda ao Norte. Medeiavam as duas grandes vales e espessas montanhas.

Em cada ano, quando a primavera vinha toucando de flores os caminhos e a passarada gentil desatava o seu gorgeiar canóro, usava-se entre as duas cidades de um cerimonial curioso: a cerimonia dos corredores.

De Sparta, sem festes, partiam pelo albor de limpida madrugada, individuos de bandeiras ao vento, atravessando montes, vales e florestas em demanda de Atenas, que se vestia das mais solenes galas e mais adornados atavios para receber os forasteiros.

O caminho era longo e desabrido: muitos corredores cahiam em meio da viagem; outros, porém, tomavam-lhes as bandeiras, erguiam-nas ao alto, e lá seguiam em busca da cidade maravilhosa. Anceiavam alcançal-a, porque vinham da tristeza de Sparta para a alacridade de Atenas, cujas torres e colunas branquejavam ao longe, entre bandeiras e florões.

Esta solenidade simbolizava a entrada da primavera, na Grecia.

O momento actual relembra este acontecimento historico. Ha uma Atenas, ha uma Sparta, ha muitos corredores.

Sparta é a organização de hoje: Atenas é o idéal futuro, que lucila e extasia, que encanta e seduz. E os corredores somos nós, os rebeldes dos nossos tempos.

Camaradas!

Deixemos a Sparta dos suplicios, das privações e das iniquidades; a Sparta, onde não ha festas, nem canticos, nem flores. Caminhemos indomaveis na nossa energia, insuperaveis em nossa força, invenciveis em nossa coragem, bandeiras ao vento erguidas para a cidade luminosa, que divisamos, embalada no Bem, no Amor e na Justiça. Que as bandeiras não se percam na viagem tenebrosa contra a adversidade; que todas, todas, todas fluctuem na Atenas dos nossos sonhos!

Que nome têm as nossas bandeiras queridas? — LIBERDADE!

Como se denomina a cidade futura! — ANARQUIA!

Alvaro Palmeira

NOTA — O autor pretendia adicionar ao texto umas notas explicativas. Mas seria alongar demasiado o espaço tomado nestas colunas. Fal-o-á quando publicar este trabalho em folheto, brevemente.

Uma ordem social que necessita de uma tão formidavel maquina governamental, juridica e militar para preservar-se dos ataques que lhe podem ser dirigidos, não é — a ordem.— ADHEMAR SCHWITZGUEBEL.

Decadencia sintomatica

O Dr. Placido Barbosa, conhecido medico e higienista, escreveu para a *Folha* uma cronica sobre *A nossa dança*, cujos conceitos e observações bem merecem divulgação, pelas duras e claras verdades que encerra.

O Dr. Placido Barbosa, homem de bom gosto, admira e ama a dança, pelo que ela encerra de beleza e de emoção elevada.

Mas não conhecia as danças modernas, de uso nos salões elegantes da nossa aristocracia de velhos e novos ricos, onde pontificam almofadinhas e melindrosas, ao lado de canastrões e fragatas familiares.

Teve uma oportunidade para conhecel-as na soberba festa organizada no Palace Hotel na noite de S. Silvestre. E lá esteve presente.

O dr. Placido Barbosa foi, viu e... contou.

Contou, na referida cronica, todo o seu desgosto e todo o seu escandalizado espanto. Aquilo não era dança de gente ciosa da decencia. O maxixe e o puladinho, mais os sarococeteios importados da America, com as respectivas musicas languorosas e sensuaes, davam á elegantissima reunião o aspecto duma saturnal de decadentes...

Citando Clemenceau, ele dizia que taes conjunções corporaes de dançadores quadrariam bem na cama... e assim mesmo com o quarto ás escuras.

Danças da decadencia...

A observação do abalizado higienista é perfeitamente justa e exacta. Ha porém que generalizal-a, tirando-lhe todas as conclusões e consequencias.

Qualquer pessoa, que tenha estudado um pouco de historia, sabe que os periodos de decadencia de uma sociedade, prenunciadores de proximas tempestades e subversões, se caracterizam pelo desregramento moral, pela perversão do gosto, pela dissolução dos costumes — desregramento, perversão e dissolução que se manifestam especialmente nas classes dominantes.

Neste periodo fatal se encontra a sociedade burgueza dos nossos dias. A sua moral é um mulambo — e o seu dominio, que tem por bandeira esse mulambo, não pode durar muito...

Uma rajada saneadora, que arraze implacavelmente todas essas podridões, ha de vir, presente-se proxima, sopra já das bandas do oriente. E' a revolução social do proletariado, já iniciada victoriosamente na Russia.

A bandeira vermelha, simbolo da renovação, ha de em breve fluctuar aos ventos duma nova moral humana: a moral do trabalho util, em cujos postulados não encontrarão guarida os ociosos da decadencia, almofadinhas e melindrosas, canastrões e fragatas varias...

Maximo X.

A idéa de que a nossa felicidade está em razão directa do numero de quilometros quadrados do nosso Estado, é uma pura abstração. Com certeza, porém, a nossa felicidade depende da segurança internacional de que podemos gozar.—NOVICOW.

P. C. B.

Hoje, sabado, ás 7 1|2 da noite, reunião. Local: rua General Camara 333.

. . . não ha governo que consiga vencer a resistencia do povo, quando este se decide a resistir com coragem e tenacidade. — MIGUEL MELLO.

---

7 de Janeiro

O Centro Republicano Brazileiro, composto principalmente pelos historicos, convocou para quarta-feira ultima uma sessão solene, comemorativa do decreto de separação da Igreja e do Estado.

O salão do Gremio Republicano Portuguez, onde a mesma se efectuou, encheu-se literalmente.

Estavam representadas varias associações: a Igreja Positivista, a Maçonaria, Igrejas Protestantes, Teosofistas, o Partido Comunista, etc.

A sessão foi aberta e presidida pelo Dr. Theodoro Magalhães.

Falaram os representantes de todas as agremiações convidadas, todos muito aplaudidos.

Pelo Partido Comunista falou o nosso camarada José Oiticica, discutindo a questão da separação da Igreja e do Estado sob o ponto de vista libertario.

Incontestavelmente foi uma bela sessão de debates de idéas expressão livre do pensamento.

Como um indice...

O capitalista estrangeiro, com a sua arrogancia de colonizador, não só nos explora e espesinha, como ainda transmite aos seus lacaios, mesmo brazileiros, uma parcela do seu desaforado desdém e da sua insolencia atrevida...

O seguinte pequenino caso, de que tive conhecimento, dá bem uma medida dessa deploravel miseria.

Um amigo meu, A. M. M., moço distincto, serviu-se, aliás por obsequioso oferecimento, de um dos batelões da Leopoldina, transportando-se do Cajú para Maruhy, em Niteroi. Facto singelo, sem gravidade nem consequencias. Pois ao chegar a Maruhy, pretendendo regressar ao Cajú, pelo mesmo obsequioso transporte, teve a sorpreza de uma negativa grosseira e insultuosa, da parte do mesmo individuo que permitira o embarque no batelão.

E' claro que o seu desaforo foi repelido com energia—ficando, o caso por isso mesmo. Mas ele revela, como um indice, o gráu de transmissão dos processos brutaes para aqui trazidos pela ganancia insolente do capitalista inglez, que supõe o Brazil uma colonia africana.—*A.*

Sugestões de neofito

Ao sahir do recolhimento em que dava arrhas á minha melancolia de presuposto bohemio, aprovando, entre miragens esteticas gloriosas e rudes padecimentos moraes, o comunismo integral de Kropotkine, tive por bem trazer comigo, na minha entrada para o seio dos camaradas que militam neste momento em que nossas aspirações comuns estão exigindo, sob multiplas fórmas, a ação continua de cada um, a maior soma possivel de senso pratico.

Na carencia de tirocinio das lutas operarias e mesmo de relações directas com a massa dos trabalhadores que enriquecem este paiz, para satisfazer os intuitos que me animam, tenho que recorrer á intuição onde me faltar a experiencia. Aos companheiros que já tiveram a honra de cuspinhar na sala do corpo de segurança, deixo o cuidado dos adendos ás idéas que a observação dos factos e exame da situação me têm sugerido.

Nesta hora aprehensiva para as classes que em luta desigual travez os seculos vêm perpetuando a impossibilidade de uma conciliação que assegure a paz na terra, a burguezia, ante o despertar da consciencia da maioria esmagadora dos homens que têm vivido sacrificados aos interesses da minoria usurpadora, procura, por todos os meios, especar o casarão das suas iniquidades que o tufão revolucionario sacode e abala até as bases.

Receiosa de que lhe venha faltar madeiramento á obra, recorre, de antemão, aos visinhos como se acaba de ver neste continente onde, sob os impulsos irreprimiveis de nossos desejos de felicidade colectiva, tornamos nossa pobre vida um devotamento sublime ao genero humano.

Ahi está que, por sugestões da republica do Uruguay foi convocada entre as nações mais fortes do continente uma aliança de repressão comum do anarquismo, coisa, que, aliás, já virtualmente existia na tacita aprovação da obra sinistra de perseguição de anarquistas que por estas plagas semeiam o esplendor do futuro.

Sem que um tal acôrdo possa preocupar siquer os mais idealistas dentre nós, devemos, todavia, organizar novo contra-ataque, quando mais não seja, para demonstração de nossa capacidade organizadora e indestructibilidade de nossas convicções.

O operario, isto é, o anarquista, — pois todo o trabalhador consciente de sua situação no meio social é, pela natureza da doutrina, um verdadeiro anarquista — não póde cochilar agora que o momento internacional é uma porta aberta ás reivindicações mais radicaes, a menos que a si reivindique a pécha de incapaz, chavão com que os intelectuaes que vivem a deitar olhares de ternura ao banquete burguez, invectivam o obreiro do comunismo.

Nós não estamos, de facto, em que pese aos militantes, colocados no plano dos acontecimentos de modo a fortalecer, cada vez mais, a confiança que nos dirige rumo da redenção humana.

A solidariedade, unica força que nos poderá levar a bom exito, si existe entre nós, não se tem manifestado na potencialidade maxima de sua eficiencia, por isso que se tem traduzido mais por sentimentalismo e entusiasmo de momento do que por condição imprescindivel para ganho da causa.

Atesta-o nossa organização operaria que é, infelizmente, uma cadeia de laços frouxos, inapropriada á resistencia violenta.

E' por isso mesmo que os abusos por parte do governo aqui se repetem com descarada e inominavel impudencia.

Ahi estão os assaltos e saques ás sédes operarias e domicilios privados, a deportação de *nacionaes-estrangeiros*, o projecto de lei, substancia teratologica esvurmada do estunto do senador paulista e outros atentados á logica e desafios á razão cometidos ás escancaras, sob nosso silencio criminoso, como aproveitamento da especie de treguas em que permanecemos extranhos a quantos rumores que não sejam o canoro som da tuba de incitamento á batalha decisiva.

A hora soará para todos, é facto; mas antes que ela sôe, a não ser que a protelemos, é dever nosso realizar a organização de nossas forças.

Organização do operariado sindicado ou não que constituirá o grosso dos batalhões libertarios de amanhã e agrupamento dos propagandistas de todos os matizes que serão a cabeça pensante da revolução prestes a estalar, com supremo espanto de Géca que zomba, á sorrelfa, do poder da fome.

Não será sem orientação definida, sem prévia preparação que poderemos atravessar victoriosos, «atravez de dardos e de alfanges», os tres periodos da transformação social:—insurreicional, destruidor e reconstructor.

O primeiro destes periodos deve ser da mesma força e exigencia da base requerida aos alunos que se propõem o estudo das matematicas.

Atravessando este primeiro periodo como o estamos é nosso dever preenchel-o.

Como ?! Começando por estabelecer uma ação conjuncta entre os elementos propagandistas disseminados pelo paiz e até, para levar mais longe nossa iniciativa, entre os revolucionarios de todo o continente americano.

Procurar-se-á, nesse empenho, por meio de correspondencia directa e todos os recursos possiveis, crear um «bureau» de informações secretas, levando, desta fórma, aos elementos isolados, as iniciativas tomadas, os acordos estabelecidos, afim de que estes elementos possam, no momento oportuno, prestar eficientemente seu apoio á causa comum.

O Rio, como nucleo da irradiação do poder burguez, ficará sendo o centro de operações...

Estabelecida esta unidade de ação que nos tem faltado a ponto de redundar inutil todo esforço despendido, inviaveis todas as tentativas de realização de nossas aspirações como, em muitos casos, nos tem acontecido, poderemos caminhar com segurança para o fim, removendo com redobrada audacia os obstaculos que porventura nos pretendam tolher a marcha.

Obvio será dizer que a preparação do povo para a imediata assimilação das novas condições de vida deve ser um dos pontos capitaes do nosso programa.

Entretanto, sobre ser este um dos pontos capitaes do progresso não é dos que exigem muita capacidade de ação, levando a gente em conta os caracteres particulares da nossa raça, muito moldavel á lei da mimetica.

Desaparecerá tambem, com isto, uma especie de truncamento que me pareceu observar (talvez seja im-muito subjectiva) nos circulos anarquistas a que tenho ido levar meu quinhão de esforço.

Sendo a cordialidade uma das fórmas do entusiasmo, não é coisa despresivel tomal-a por incentivo.

Tanto o não é que, em caso de ação arbitraria por parte da policia, antes que estejamos aparelhados para sérias resistencia, ela nos poderá conduzir resoluta e jovialmente aos subterraneos das reuniões secretas com a mesma firmeza de animo com que se reuniam nos bosques da Vendéa, ao luar de França, os mineiros do "Germinal".

Voltando nossas vistas para as associações operarias de todo o paiz devemos ponderar-lhes que a força de cohesão entre elas não existe em gráu suficiente para constituir uma séria ameaça aos burguezes que aqui se locupletam.

Uma gréve geral aqui, em virtude da deficiente e imperfeita organização operaria, não é coisa que se faça sem grande dispendio de energias no destravancamento de embaraços suscitados pela falta de homogeneidade de criterio entre os diversos trabalhadores.

O Terceiro Congresso Trabalhista, a se reunir em abril proximo, não deve olvidar estas coisas.

Entre as questões que serão ventiladas e medidas a se estabelecerem, a nosso ver, deve ser preocupação da assembléa a organização de uma estatistica mais completa possivel do operariado organizado, precisando-se o numero de associações e de associados, afim de que se possa, quando preciso seja, num rapido computo da população brazileira, avaliar da força real, aliciada, com que poderemos contar para — quem sabe quando? — enfrentar a situação.

A por disto os preparativos...

Como obra individual procuremos convencer todo e qualquer salariado — homem de tunica gordurosa e tamancos ou de colarinho lustroso e barba escanhoada — que o anarquismo que vem ahi é, nada mais nada menos do que a realisação do desejo inteiro de ser feliz que ele tem acariciado com ternura, travez de uma vida laboriosa e infructifera, toda cheia de abdicações e renuncias forçadas.

Si assim andarmos teremos feito alguma coisa, ou antes, realisado o trabalho que nas revoluções se póde chamar parte não predeterminada.

João Russo.

KRISTO

Tenho duvidas profundas sobre a existencia do Kristo, mas não me será dificil crer existir ahi um *evhemerismo*, isto é, a ampliação inverosimil da Realidade. E' nm tipo como Homero.

Não o suporto, quando préga a humildade, a ignorancia, a pobreza, quando reconhece a eternidade desta, ou rebaixa a vida e o mundo.

Mas quando enxota os cambistas e vendilhões, eu me inclino comovido, e grito:

—Bravo, grande rebelde!

*

Kristo:

Não o simpatizo quando consente em ser adorado (S. João 9-38); quando aos que choram ele concede o cataplasma de consolações estereis num mitico Alem Mundo; quando acha bem aventurados os humildes de espirito, isto é, os submissos, os pobres, os mediocres; idem, os mansos, isto é, os domesticados; idem, os misericordiosos, isto é, os que dão migalhas por "compaixão" ou "piedade", quando os verdadeiros bem aventurados deveriam ser os desbordantes, quero dizer, os que dão milhões — por Amor.

Nem a pseudo-tentação demoniaca, nem os milagres, forjados pelos discipulos — suporto.

Não o tolero quando fala na Gehenna on no tal reino dos céos, que nenhuma cosmografia assinala; quando trata do Maligno (?); quando, para evitar demandas, diz que não sómente se deve largar a tunica mas tambem a capa — porque então é uma dupla renuncia ao seu direito... e não é digno de viver aquele que não defende a todo transe o seu direito.

Idem, quando diz que eu ofereça a face esquerda áquele que me ofendeu na direita — porque isso é contrario á Virilidade, e então quando muito, posso não retribuir a ofensa; quando diz que os filhos do reino serão lançados nos trevas exteriores, onde haverá o choro e o ranger dos dentes, o que não concorda com a sua classica misericordia; quando expulsa vagos espiritos de pretendidos endemoninhados; quando animaliza as multidões com o freio de uma fé no Impossivel.

Seu acatamento pela opinião das crianças e o seu desprezo pelos sabios e entendidos (S. Matheus 11-25) são absurdos; a criança é sincera, mas tolinha.

Não o simpatizo, pelo seu dogmatismo ferrenho; quando fala num pseudo-juizo final — porque inferno peor, para as almas sensiveis, que o mundo actual, não póde existir — porque todos sofrem, do menor ao maior, e a alma agitada, inquieta de muitos ricos seria mais merecedora do tal reino dos céos, do que a alma cheia de paz e alegria de muitos pobres que conheço.

Idem, pelo seu horror aos que lhe não comungavam os devaneios teologicos (S. Matheus 10-14 e 15 ou 12-30); pelo não-perdão aos que falarem contra um ilusorio Espirito Santo (São Matheus 12-32); quando acha que o comer sem lavar as mãos, não contamina o homem; quando, segundo S. Matheus (17-18), consegue arrancar um demonio de dentro de um epileptico, o que é simplesmente irrisorio.

Idem, quando acha que devemos ser como as crianças, o que é prégar o retrocesso; quando descobre uns vagos anjos da guarda (S. Matheus 18-10); quando exalta a pobreza e reconhece a eternidade desta (precisamos de bem estar, e não, de indigencia); quando anuncia uma vaga vida eterna e uma resurreição indecisa, garoenta; quando fala sobre um Pai nebuloso; quando, miticamente, faz secar uma pobre figueira (S. Matheus 21-19 ou S. Marcos 11-21) sómente pelo simples facto de ela não ter fructo algum na ocasião em que a procurava, ocasião que, segundo S. Marcos (11-13), não era tempo de figos.

Idem, quando "enche de vento" — promessas impossiveis — as cabeças dos apostolos; pelo seu parabolismo, que dá margem a muita exegese; quando conhece Cesar, um usurpador da sua nacionalidade, e não se levanta contra o tributo, infame como todo imposto; naquela balburdia megalomaniaca a dizer-se Filho de Deus (S. Matheus 26-63 e 64) e Filho do homem (S. Marcos 2-28).

Eis o que não simpatizo no Kristo, observado atravez das paginas duvidosas dos Evangelhos.

*

Kristo:

Amo-o pela sua vida de aventureiro atravez das cidades e aldeias; quando acha bemaventurados os limpos de coração, os perseguidos, os pacificadores; quando ataca os escribas e fariseus, antepassados dos burguezes, magistrados e clericaes de hoje; quando préga a reconciliação; quando condena o juramento e exalta a firmeza na palavra dada; quando pede que sejamos perfeitos, embora eu saiba que isto não é para tão cedo.

Idem, quando condena o trombetear das esmolas que se deram como os argentarios de hoje que mandam apregoar nos jornaes os bocadinhos concedidos a asilos ou hospitaes.

Idem, quando diz: "não julgueis, para que não sejais julgados", ou "vês o argueiro no olho do teu irmão porém não reparas na trave que tens no teu", ou "não lanceis as vossas perolas deante dos porcos", ou "guardai-vos dos falsos profetas", ou "não temais aos que matam o corpo, mas não podem matar a alma".

Estimo-o, quando despreza o ritual idiota dos fariseus, violando os sabados, como nós violamos o ritual dos padres e dos governos, não levando em conta imagens, hostias, jejuns, bandeiras; pela paciencia que tinha em desbastar a estupidez dos seus discipulos, entre os quaes o respeitavel Simão Bar-Jonas, vulgo, S. Pedro.

Amo-o, quando recomenda que os apostolos se abstenham do fermento doutrinario dos fariseus e saduceus, casta semelhantr á que domina em Roma; pelo seu horror aos publicanos e argentarios da época, á Jerusalem (Roma) dos vendilhões; quando tem consciencia da eternidade da sua palavra; pela sua grandeza diante de Judas; pela sua firmeza diante do Sinhédrio; pelo seu martirio espantoso.

Eis o que me comove na vida dessa figura lendaria, vista atravez das paginas suspeitas dos Evangelhos.

Salomão

E' um perigo ter um governo certeza da obediencia do povo.—GEORGES MATISSE.

Uma conferencia

Num dos primeiros dias da semana entrante o camarada Amilcar Boni fará uma conferencia em beneficio de «Spártacus».

O local e a hora serão préviamente anunciados, nos respectivos cartões de ingresso.

ESTADO DE SITIO?

Correram boatos, esta semana, de que o governo anda á procura de uma oportunidade para declarar o estado de sitio.

Com a gréve dos motoristas e ameaças de gréve geral, parece que o governo encontraria essa oportunidade...

Mas a gréve geral... ora, ninguem pensa em gréve geral, neste momento.

Ela existe apenas — e quem sabe si não é por insinuação directa da policia?—na cachola de alguns repórteres policiaes.

Patranha, consequentemente.

A cachola de um repórter de policia é assim uma especie de lata de lixo, e não é portanto um sitio adequado ás coisas sérias e decentes.

Como quer que seja, o boato se propalou, e não será talvez totalmente destituido de verdade.

Verdade, pelo menos, como intimo desejo governamental.

Dizem uns que o mano Marechal tem desenvolvido grande actividade na Brigada: as forças andam a postos, exercitadas e excitadas, baionetas e sabres afiadissimos, cavalos impetuosos e belicosos...

Tudo isso está muito bem— do ponto de vista governamental.

O governo, impotente e incapaz de manobrar o barco dentro dos recursos normaes, procura os recursos anormaes, — no caso o estado de sitio.—que lhe facilitariam os meios proprios á sua ação voluntariosa e decisiva.

Por exemplo, no que concerne aos movimentos de oposição.

O Sr. Epitacio não admite vozes e gestos discordantes dos seus gestos e das suas vozes. Ele é o Todopoderoso, e exige obediencia e submissão do rebanho á sua vontade suprema.

Todavia, cabe aqui uma pequena observação.

Si os homens que têm nas mãos as redeas do poder se acham incapazes e impotentes para governar, normalmente,— si nos não enganamos, isso provo apenas a ineficacia, a falencia do aparelho governamental.

E têm esses homens, cuja incapacidade salta á vista, o direito de crear, ao seu arbitrio e em seu proveito proprio, um periodo de anormalidade?

E o povo, a massa dos trabalhadores, que constitue a maioria absoluta da população?

Feito por eleição, por eleição sabidamente e provadamente viciosa, inexpressiva e falsa, o governo da Republica de modo algum representa a vontade ou as aspirações da maioria.

E' um governo de corrilho, um governo de usurpação, um governo catado no seio da quadrilha politicante, cujas unhas aduncas se assenhorearam indevidamente, pela fraude e pela violencia, dos destinos do Brazil.

Si a maquina administrativa actual faliu, e si é necessario um regimen de anormalidade para concertar o descalabro nacional, não é ao governo, fautor desse descalabro, que cabe o direito de decretar uma tal anormalidade.

Ao povo e só ao povo assiste integral esse direito, diremos mais—esse dever.

Temos, com efeito, necessidade de um estado de sitio, mas estado de sitio vindo de baixo, decretado pelas massas populares.

O jequitibá das Paineiras

Jequitibá formoso das Paineiras
Cheio de parasitas seculares,
És a imagem das terras brazileiras,
Ricas de tarimbeiros militares,
De burguezes ladrões ou de politicos,
E de "asceticos" padres sifiliticos!
Eu te saúdo, ó meu jequitibá,
Porque a tua seiva é tão fecunda
E tão profunda,
Que dá
Para a alimentação
De tanto rufião,
Para a fartadela
De tão insaciavel horda,
E a engorda
De tanta alimaria magrizela,
E sustenta
Tão ruim bicharia piolhenta!

Scipião Fogaréo.

É provavel que o temor — o temor do patibulo, do chicote, da prisão ou do estigma social que ferretêa os condenados — afaste do crime um certo numero de individuos. Mas não tanto quanto se julga: em muitos casos não serve sinão para os tornar mais cautelosos, afim de se não deixarem prender. — ED. CARPENTER.

Congresso Internacional de Intelectuaes

Está por dias uma reunião dos nossos intelectuaes independentes, na qual se lançarão as bases do grupo *Clarté*, entre nós.

Formado que seja o grupo, cogitar-se-á da questão do Congresso Internacional a realizar-se breve na Suissa.

E assim, mercê da dedicação de alguns homens compenetrados da situação actual no mundo, não ficará o Brazil isolado nesse movimento fecundo em que a Inteligencia decide intervir na transformação social dos nossos tempos, colaborando intimamente com o Braço productor.

A gréve geral è a paralização da produção social; por ela o proletario afirma a sua vontade de conquista total, demonstra a fragilidade, a esterilidade e a impotencia da sociedade actual e atestaro valor do trabalho humano, ponto inicial e terminal de todo o movimento e de toda a vida. — GRIFFUELHES.

A crise das casas

Um dos problemas mais angustiosos do momento é o da habitação. Todas as grandes cidades modernas, o Rio entre elas, passa neste instante por uma crise de casas nunca vista. Não ha casas suficientes. E, de acôrdo com a economia burgueza: a escassez determinando a carestia — andam os alugueis pela hora da morte.

Mas, como os outros problemas actuaes, este da habitação é um problema resultante do dominio burguez e sua solução depende preliminarmente da quéda desse dominio.

O que ha não é falta de casas. O que ha é má distribuição de casas. As estalagens e as «cabeças de porco» regorgitam de habitantes, mas os palacios e palacetes?

Num interessante estudo sobre a ação revolucionaria dos comunistas hungaros, Brailsford conta como se resolveu em Budapest o problema da habitação.

«Budapest — escreve ele — estava atulhada de refugiados e de soldados desmobilizados; dizia-se que a sua população normal havia duplicado. Imediatamente o governo (comunista) estabeleceu como principio o direito de um quarto para cada adulto, e que nenhuma familia poderia ter mais de tres, fóra a cosinha e as peças destinadas ao trabalho. As pessoas sem casa foram prontamente alojadas segundo as indicações da comissão local, e os habitantes de mais de um palacio se acomodaram nas tres peças que a nova lei lhes concedia.»

Simples como o ovo de Colombo...

E porque não fazermos o mesmo entre nós?

Sendo a organização militar a causa imediata das guerras, é pois esta organização que é preciso suprimir si não mais queremos guerras. — ADHEMAR SCHWITZGUEBEL.

Mais prisões

Ha varios dias que se encontram presos na policia os camaradas Juvenal Leal e Joaquim Moraes, este ultimo apenas chegado de Pernambuco.

O governo pretende naturalmente deportal-os, aumentando a lista dos já deportados, na irrisoria ilusão de que taes violencias resolverão a questão social no Brazil...

Ai! dos iludidos! Porque eles serão esmagados pelo peso das proprias ilusões.

A INQUISIÇÃO POLICIAL EM S. PAULO

Pimenta faz uma impressionante narrativa da sua prisão nos sinistros calabouços da Vila Mathias

Fui preso no dia 25 de outubro, na Luz, ao desembarcar do expresso do Rio, por 4 agentes de policia e conduzido de automovel ao Gabinete de Investigações e Capturas á rua 7 de Abril e ahi apresentado ao sr. Virgilio Nascimento que me recebeu com a sua labia habitual, esforçando-se por me fazer crêr na brandura dos processos da sua instituição. O sr. Nascimento declarou-me que havia recebido comunicação da policia do Rio, da minha partida desta capital em companhia do Canellas, cujo paradeiro indagou-me. O mesmo já haviam feito os mastins que me prenderam, após haverem baldadamente farejado no comboio aquele nosso camarada.

Depois de uma hora de interrogatorio o director do Gabinete de Investigações e Capturas disse-me afinal que nada mais pretendia de mim e que me iria apresentar ao sr. Octavio Ferreira Alves, autoridade que presidia o inquerito sobre a explosão da rua João Boemer, para que eu prestasse o meu depoimento, após o que iria indagar do delegado geral qual o destino que pretendia dar-me.

Prestei o meu depoimento e recolheram-me, depois, a uma sala onde permaneci até ás 11 horas da noite, quando me removeram para a Central. Ao descer, encontrei no saguão o companheiro José Righetti, operario tecelão, de São Bernardo. Num carro de transporte de presos fomos, Righetti e eu, levados para a bastilha da rua do Carmo e ali metidos num xadrez. Ahi permanecemos durante a noite de sabado, domingo, e finalmente, na madrugada de segunda para terça-feira fomos despertados pelo carcereiro que nos ordenou que nos preparassemos *afim de falarmos com o doutor*.

Ao sairmos do xadrez encontramos o chefe dos agentes que dirigindo-se a mim perguntou-me si era eu o Pimenta.

Ao meu companheiro que previdentemente trouxera do xadrez pão e algumas bananas disse ele que não seria necessario, pois *para onde iamos havia comida*...

Estavamos longe de imaginar que, algumas horas depois, teriamos oportunidade de atinar com a cruel e cinica ironia que aquelas palavras envolviam!

Restituidos os nossos haveres, que haviam sido arrecadados ao darmos entrada no xadrez, encaminhamo-nos para a rua, onde um auto guarnecido por tres *secretas* nos aguardava; nele tomámos logar acompanhados pelo chefe Geraldo.

No auto já estava o nosso camarada Everardo Dias, vindo do posto policial da rua 7 de Abril, para onde fôra ás 11 horas da manhã. Momentos após o auto se afastava celeremente da bastilha tenebrosa da rua do Carmo, descendo a ladeira do mesmo nome e, entrando pela rua 25 de Março, em pouco alcançava a Moóca. Perplexos, diante da inesperada viagem, faziamos mil conjecturas sobre o provavel destino nosso. Afinal, dadas algumas voltas mais, avistámos a certa distancia a claridade intensa do grande portico do Caminho do Mar.

Iamos para Santos! Pelas proximidades do Cubatão um outro auto e quatro agentes da policia de Santos esperava-nos. Os esbirros paulistas passaram-nos com as competentes instruções aos seus colegas santistas e regressaram com a consciencia de um dever cumprido. Acomodados na nova condução proseguimos a viagem, agora sob a vigilancia atenta dos novos guardas, que, certamente informados da indole perigosa dos presos, não tiravam de sobre nós as suas vistas, cautelosamente munidos de grossos cacetes e a dextra levada ao bolso trazeiro da calça...

Cerca das 11 horas da manhã chegavamos finalmente ao posto policial de Vila Mathias, a um de cujos xadrezes fomos recolhidos. Ahi, como se verá linhas adiante, nos estavam reservadas as mais inauditas infamias.

Terminada a rigorosa revista a que nos submeteram, fomos imediatamente metidos no xadrez com as costumeiras brutalidades usadas nas nossas democraticas enxovias. O xadrez, um acanhadissimo cubiculo. Um cheiro nauseante envenenava o ar que ali se respirava. Nunca se viu tanta asquerosidade reunida! As paredes estavam besuntadas de imundicies, o chão coberto de expessa camada de lixo. Pode-se por aqui imaginar que horriveis e pestilenciaes exhalações se desprendiam de tamanha esterqueira. Passámos todo o dia sem que nos fosse fornecida qualquer especie de alimentação. Nem siquer agua, que reclamavamos insistentemente, nos foi fornecida. Aliás os soldados do destacamento haviam recebido ordens terminantes para não atenderem aos nossos chamados.

A' tarde fomos retirados do xadrez e levados para um pateo onde nos identificaram. Terminada a operação, o sargento comandante do destacamento, dirigindo-se ao Righetti, que acabara de lavar as mãos, ordenou-lhe que se despisse. Extranhando embora semelhante ordem Righetti começou a despir-se, e depois de tirar o paletot, o colete e as calças perguntou ao sargento si era para despir-se completamente, ao que o impassivel homem respondeu afirmativamente, acrescentando ainda, num tom escarninho: *fique nusinho, como sua mãe o pariu*... As mesmas ordens foram dadas a mim e ao Everardo.

Em tal estado, completamente nús, fomos novamente metidos no xadrez. De nada valeram os nossos protestos e tivemos afinal de nos calar, advertidos de que seria melhor o nosso silencio, «si não queriamos ver agravada a nossa situação!»

Desde pela manhã que inutilmente pediamos aos nossos carcereiros uma coberta ou uma esteira, qualquer cousa emfim que nos pudesse preservar das imundicies do chão do xadrez, cheio de asquerosidades e cuja viscosa humidade obrigava-nos a permanecer de pé desde que para ali foramos atirados. Todo o nosso esforço era, porém, baldado. Ninguem nos ouvia, ninguem atendia aos nossos instantes apelos, nem mesmo para nos dar um pouco dagua com que aplacar a sêde que nos supliciava já, pois havia muitas horas que não bebiamos uma gota dagua! Um dos nossos companheiros, já desesperado, recorreu ao extremo expediente de servir-se da agua da latrina! A atmosfera que nos cercava era de hostilidade e terror. A soldadesca recebera as mais severas instruções a nosso respeito e naturalmente tratava-nos com indiferença quando não com agressiva aspereza.

Aos nossos instantes pedidos respondiam os soldados ora com zombarias, ora com ameaças e grosserias. E só excepcionalmente algum mais compassivo respondia que *eram ordens*.

E nesta situação de verdadeira angustia escoaram-se as horas, passou-se o dia, e a noite veio aumentar a nossa aflição de prisioneiros supliciados pelo frio, pela fome e pela sêde, ignobil infamia inventada pela imaginativa criminosa e perversa dos governantes paulistas para castigar aqueles que ousam ter idéas e lutar pela sua sustentação...

Para maior sofrimento nosso chovia e a temperatura (que em Santos é habitualmente bastante elevada) declinara sensivelmente naqueles dias.

O frio viera, pois, agravar a nossa precaria situação. Um nordeste implacavel açoitava rijo as nossas pobres carnes. Com os nossos corpos a tiritar de frio, aconchegavamo-nos uns aos outros, procurando deste modo atenuar a inclemencia do tempo. Não conseguimos adormecer um instante siquer! Tinhamos que permanecer de pé, não tendo animo de atirar-nos á esterqueira do pavimento do xadrez cuja humidade penetrando até os ossos nos entorpecia.

Deste modo horrivel passamos a primeira noite de xadrez, em plena vigilia!

Cobramos um pouco de animo quando vimos os primeiros albores da manhã. Sentiamos, porém, que as forças nos abandonavam!

O segundo dia de prisão no posto de Vila Mathias teria decorrido na mesma normalidade da vespera, isto é, sem roupa, sem comida e sem agua si não fôra a cena ignobilmente brutal e cobarde que infelizmente tivemos que testemunhar, e impotentes para bradar toda a nossa vehemente indignação e revolta contra os seus autores inconscientes e broncos.

Por volta das 3 horas da tarde uma praça do destacamento, sobraçando algumas peças de roupa, veiu ás grades do xadrez indagar si as mesmas pertenciam ao Everardo. Obtida resposta afirmativa, entregou o soldado as roupas ao Everardo, retirando-se em seguida para voltar dahi a pouco trazendo ordem para que Everardo calçasse apenas as botinas. A contra ordem chegára, porém, tardia, pois o nosso companheiro, com sofreguidão, já se havia enfiado nas roupas, e ancioso aguardava os novos sucessos. Estes vieram depois, e taes como nunca o imaginaramos!

Retirado do xadrez e conduzido ao alojamento das praças, ahi, cercado por 10 ou 12 soldados armados de carabinas, fizeram-no despir-se novamente e em seguida surraram-no barbaramente!

Pude desgraçadamente testemunhar a inominavel cena. Quando Everardo era retirado do xadrez eu ouvira o cabo que o viera buscar censural-o por ter-se vestido completamente, dizendo então: *« bem, o soldado tirara a roupa »*... Desconfiando do que se ia passar galguei a janela do xadrez e pude, pelo descuido dos bandidos deixando entre-aberta a porta do alojamento, presenciar o espancamento selvagem do nosso querido companheiro.

Dahi a pouco Everardo era novamente trazido ao xadrez e pudemos constatar o barbaro supplicio a que o acabavam de submeter. Trazia todo o corpo horrivelmente assinalado pelos golpes que lhe haviam aplicado.

Suprema vergonha! suprema torpeza!

Poucos momentos esteve ele comnosco. Instantes depois vieram chamal-o e dahi a pouco ouvimos o rodar de um auto que se afastava. Comprehendemos desde logo que Everardo ia ser recambiado para S. Paulo.

A saida de Everardo trouxe-nos a esperança da nossa liberdade. Supunhamos que ele ia ser posto em liberdade naquele mesmo dia ou no seguinte e esperavamos que os nossos amigos fossem imediatamente inteirados da nossa situação, agindo em nosso favor. Foi alentados por esta ilusoria esperança que passámos o restante daquele dia.

No seguinte dia, quinta feira, continuámos na mesmissima situação: nem nos restituiam as nossas vestes, nem forneciam comida. Era já o 3º da jornada de fome, de sêde e de frio. A situação permanecia inalterada. Reclamavamos e ou nos voltavam as costas ou nos respondiam que *eram ordens*. Debalde pediamos para sermos levados á presença da autoridade invisivel que ordenava semelhantes torpezas!

E assim decorreram mais dois interminaveis dias, durante os quaes sofremos as mais incriveis torturas moraes e fisicas.

Domingo chegara e a situação aflictiva e angustiosa, em que nos encontravamos, perdurava ainda.

Havia 5 dias que nos haviam atirado para aquele xadrez infecto, completamente nús, privados de qualquer alimentação. Dia a dia as nossas forças se esgotavam sob a ação do frio e da fome! Eu e principalmente o meu companheiro já nos sentiamos incapazes de resistir a semelhante estado de cousas. Righetti queixava-se de sofrimentos horriveis, e sentia-se desfalecer. Já não tinhamos esperança de sermos atendidos pelos nossos algozes nos pedidos que instantemente lhes faziamos para que fizessem cessar tamanhos suplicios, restituindo-nos ao menos as nossas vestes.

Debalde chamára eu insistentemente a atenção do sargento e do cabo do destacamento para o estado de abatimento do meu companheiro prevenindo os de que, pelo seu fisico doentio, Righetti não poderia suportar as torturas a que nos submetiam, e dentro em pouco cahiria ali moribundo.

Convencidos de que aquela gente era realmente insensivel ao sofrimento alheio, incapaz de um gesto elevado, com o senso moral obliterado pela subserviencia disciplinada, sabiamos que só quando um de nós cahisse exanime, com as forças exgotadas, se modificaria a nossa situação. Assim, pois, combinámos as providencias a tomar em tal emergencia. Consistiam elas no compromisso tomado pelos dois em reclamar com energia soccorros para o primeiro que desfalecesse. No instante mesmo em que acabavamos de combinar isto, o meu companheiro atirava-se ao chão atacado de terrivel caimbra no estomago, soltando lancinantes gritos. Reclamei imediatas providencias. Mas, inda em semelhantes conjuncturas, elas não apareciam! Nem o cabo nem o sargento, ninguem finalmente tinha competencia para providenciar sobre os socorros a um preso sériamente enfermo, ardendo em febre, sofrendo atrozes dôres: só o «doutor», poderia dar «ordens», e este, áquela hora (7 horas) não se achava na delegacia, para onde (diziam) já haviam telefonado varias vezes!

O meu infeliz companheiro, prostado no chão, gritava desesperadamente por socorro, delirava já sob a ação da febre e nem assim ninguem acudia siquer para lhe dar um pouco d'agua. Desesperado ante tamanha indiferença e crueldade eu que ainda dispunha de algumas forças e resistia victoriosamente ás torturas que havia seis dias me infligiam os bandidos, reclamei e protestei com indignada energia contra aquela deshumanidade. Responderam-me nada poderiam fazer sem ordem do "doutor"! Pedia um medico, um medicamento e respondiam que só com ordens superiores poderiam agir...

Afinal, cerca de 4 horas da manhã apareceram as primeiras *providencias*: trouxeram-lhe um chá de camomila (!) e um cobertor, e mais nada. Righetti estava abatidissimo, impossibilitado de levantar-se.

Tinha os rins e a bexiga inchados, entumecidos sob a ação da humidade.

Em todo o caso, confesso as providencias podiam ser peores. Podiam, por exemplo propinarem-lhe um *chá da meia noite*, cujos efeitos terapeuticos são como se sabe de resultados muito mais surprehendentes que a camomila...

A doença de Righetti contribuira para atenuar a nossa situação. Durante dois dias passámos relativamente menos mal. Forneceram-nos dois colchões, restituiram-nos as nossas vestes, e por nimia condescendencia mandaram vir de fóra a nossa alimentação, comprada aliás á nossa custa. Foram, porem, apenas, 48 horas de treguas. Uma noite entraram no xadrez, fizeram-me despir novamente a roupa, arrebataram-me as vestes. Pouparam apenas o Righetti, cujo estado inspirava lastima.

Depois de 24 horas de novo jejum advertiram-nos de que si quizessemos comer tinhamos que nos submeter ao regimen alimentar da *casa*: uma inclassificavel mistura de macarrão semi-crú e feijão que por ser geralmente aproveitado das sobras das vesperas era constantemente deteriorado, fornecida uma vez ao dia numa lata velha de banha das de 2 kilos.

De então por diante os dias decorreram nas alternativas de novas torturas e de novos vexames que me eram a cada passo infligidos. Ora arrebatavam-me as roupas, ora privavam-me da alimentação. Requintavam os bandidos no proposito visivel e perverso de me aniquilarem. Esmiuçal-os um por um seria tarefa impossivel no limitado espaço do nosso periodico. Demais esta primeira etapa de sofrimentos que acabo de descrever é a imagem dos que se lhes sucederam.

Contarei agora a historia da minha assinatura emprestada ao documento de que o *leader* paulista despudoradamente se serviu na Camara para comprovar a minha retirada para Porto Alegre e desfazer a hipotese (aliás nada inverosimil) do meu assassinato em Santos, levantada pelos camaradas de S. Paulo aprehensivos diante da incerteza do meu desaparecimento.

Vinte e tantos dias faziam que nos achavamos atirados aos calabouços do posto policial de Vila Mathias, sem sermos interrogados por qualquer autoridade superior e em rigorosa incomunicabilidade e sob o regimen que acabo de narrar. Certa noite apareceu á porta do xadrez o sargento comandante do destacamento, o qual, procurando mostrar-se compassivo diante da nossa aflictiva situação, prometeu-nos indagar dos seus superiores do destino que nos estava reservado, adiantando, entretanto, que presumia não ser das mais felizes a nossa sorte. Dias depois voltava o sargento e fazendo retirar Righetti do xadrez onde se encontrava comigo fel-o recolher a um outro. Percebi claramente que aquele miserando instrumento inquisitorial preparava a *mise-en-scène* e dispuz-me a tolerar-lhe a ultrajante proteção compassiva que simulava dispensar-me. Contou-me então com voz e gestos adequados o tetrico fim que me aguardava. Falou-me de presos da nossa natureza que dali haviam saido aniquilados, moribundos pelos maus tratos a que foram submetidos e de outros que haviam tido peor sorte, arrancados noite alta daquela enxovia para desaparecerem para sempre no fundo da bahia.

A mim e ao Righetti ele havia sido incumbido de dar igual destino...

Não quiz acreditar na historia tetrica do desaparecimento no fundo da bahia, mas acreditei, e piamente, aquela gente capaz de dar-me cabo da vida pelos processos inquisitoriaes de que já haviam dado uma pequenina amostra.

Em relação a mim (por ser um seu compatriota) ele estava disposto a atenuar o rigor das ordens recebidas, embora com risco proprio. Facilitar-me-ia a retirada para o Rio Grande do Sul desde que eu assentisse em firmar um escrito que oportunamente me apresentaria.

A' noite mandou-me chamar e leu-me o papel que eu deveria assinar.

Eu assinei. Assinei — rigorosamente de cruz.

Está claro que eu considero esse documento insubsistente. Assinado debaixo de coacção, em circumstancias em que a minha liberdade havia desaparecido, ele nada vale, nada valia e nada valerá. O que vale é o que eu digo aqui no uso pleno da minha liberdade: continúo o mesmo anarquista e o mesmo revolucionario — e as infamias da policia paulista só contribuiram para aumentar, si possivel, o meu espirito de revolta e a minha energia de militante mais do que nunca integralmente consagrado á obra da revolução social.

João da Costa Pimenta.

A Instrução

A Instrução é, para o cerebro do homem, como um alimento que produz luz e que, á proporção que o absorve, vai a mesma luz aumentando o seu clarão de modo que o homem possa ver, mesmo sem os orgãos visuaes, o que é considerado invisivel.

O seu valor na sociedade é incomparavel.

Na sociedade, o homem instruido devidamente obtem os mais belos conceitos; torna-se admirado pelos seus esmerados modos; ele será indulgente para os que, pela infelicidade de não terem tido instrucção, não corresponderem ás suas maneiras; e sempre concorrerá, finalmente, para todos os feitos mais grandiosos, belos e dignos de aplausos.

Então o homem experimenta na vida a mais ampla satisfação por ter contribuido para o Progresso e para a Confraternidade Humana.

Infelizmente tal não acontece em geral, porque até a Instrucção é, embora indirectamente, monopolizada pelos que possuem ouro e pelos que deshumanamente têm interesse em manter a maioria da Humanidade na completa ignorancia das verdadeiras causas productoras de todos os males.

Quando muito, dão a quem procura instruir-se uma falsa instrução que contribue para fazer-lhe adquirir os mais perversos instinctos; os mais baixos preconceitos; as paixões mais violentas, pelo interesse que causa o odio mutuo.

E qual o interesse daqueles e destes? Reconhece-se que é pelo egoismo, pelo prazer de manter o bastão autoritario, a superioridade individual, etc. etc...

Tornam-se por isso despoticos e tiranicos; cometendo as maiores injustiças por saberem que, si todos possuissem uma instrucção baseada nas ciencias naturaes e positivas, obteriam, por meio delas resultados bemfazejos: Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

Isso depende dos verdadeiros educadores.

E «o verdadeiro educador é — segundo disse Ferrer — o que, contra as suas proprias idéas e os seus desejos, póde defender o aluno, apelando em maior grau para as energias proprias do educando.»

Antonio Trotte.

Correspondencia

J. Placido — Recebidas as tuas duas cartas de 2 e 14 de dezembro, bem como a em que pedias aumento de pacotes. Estes foram efectivamente aumentados e são sempre enviados. Si os não recebes, é patifaria do correio. Registrado o dinheiro. Muito prazer em vel-o aqui.

Bischoff — Recebida a carta de 14 e os arames. Saude!

A. Fernandes — Recebi e já foram registrados no balanço do n. passado.

J. Avi — Feita a modificação, a partir deste numero. O excesso de selo é para que eles sigam caminho desempedidos.

Polydoro S. — Em mãos tua carta. O homem cá está são e salvo. O caso do Supremo resolveu-se afinal favoravelmente. E está liquidado de vez. Tens toda a razão no que dizes. Saude!

A. Herculano — E' bom entender-se com o Isidoro a respeito dos 10$. Eu não os recebi.

A. P.

Numeros atrazados

Temos um regular stock de numeros atrazados de *Spartacus*, que vendemos á razão de 1$000 por centena de exemplares.

A sua distribuição entre os trabalhadores fará boa propaganda, além de constituir a sua compra um auxilio não desprezivel para o jornal.

Os pedidos devem vir acompanhados da importancia correspondente.

Administração

N. 23

ENTRADAS	
Venda avulsa.	109$400
Leilão na C. Civil, dia 31	11$000
Sapateiros p. c. dum quadro	15$000
Um dos nossos	40$000
A. dos O. em Calçados	100$000
U. dos Alfaiates	50$000
Azevedo (pacotes) . . .	10$900
J. Souza	2$000
Bischoff	22$000
Aguilar (Pelotas)	18$000
Saldo anterior	273$300
Total	651$600

SAHIDAS	
Composição e impressão.	400$000
Carretos.	17$800
Passagens	4$300
Goma	2$000
Papel de embrulho . . .	1$200
Selos	18$900
Telefonema interurbano	1$000
Redação	28$000
Administração.	35$000
Total	508$200

RESUMO	
Entradas.	651$600
Sahidas	508$200
Saldo.	143$400